

**POSSIBILIDADES E LIMITES DAS PRÁTICAS DE PROJETOS DE  
TURISMO PEDAGÓGICO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

**POSSIBILITIES AND LIMITS OF THE PRACTICES OF PEDAGOGICAL  
TOURISM PROJECTS IN THE EARLY YEARS OF FUNDAMENTAL  
ENSINO**

**POSIBILIDADES Y LÍMITES DE LAS PRÁCTICAS DE PROYECTOS DE  
TURISMO PEDAGÓGICO EN LOS PRIMEROS AÑOS DE LA EDUCACIÓN  
PRIMARIA**

Estela Maris Giordani <sup>1</sup>  
Andreia Saidelles Rossi <sup>2</sup>

**RESUMO**

O turismo pedagógico (TP) teórico e prático contempla aulas-passeio nos espaços que acolhem escolas e universidades. O principal objetivo da pesquisa é refletir acerca das possibilidades e limites das práticas de projetos de TP nos anos iniciais do ensino fundamental do município de Santa Maria - RS. A metodologia utilizada é de abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso e foi realizada em uma escola municipal de ensino fundamental do campo. A coleta de dados foi com entrevistas semiestruturadas, realizada com dez professores. Os dados foram analisados através da técnica de análise de conteúdo. Os resultados alcançados com esta pesquisa tratam-se do trabalho de TP, um dispositivo educativo que vem para qualificar os processos formativos docentes e discentes, além de desenvolver valores humanos. Nota-se por meio deste estudo que TP põe em vista facilidades e dificuldades no desenvolvimento de visitas escolares e extraescolares, bem como no aperfeiçoamento de aulas-passeio com as turmas. Os conselhos dos professores para os futuros docentes que irão trabalhar com projetos de TP focam em aulas simples e complexas que levem mais vida e que aproxime os saberes teóricos com os fazeres práticos no ambiente escolar e universitário.

**Palavras-chave:** Turismo Pedagógico. Formação escolar. Formação extraescolar. Anos Iniciais. Ensino-aprendizagem.

**ABSTRACT**

Theoretical and practical pedagogical tourism (TP) includes classrooms and spaces that support schools and universities. The main objective of the research is to reflect on the possibilities and limits of the practices of TP projects in the beginning years of the fundamental education of the municipality of Santa Maria - RS. The methodology used is a qualitative approach, case study type and was carried out in a municipal fundamental

<sup>1</sup> Pedagoga. Mestrado. Doutorado. Departamento de Metodologia de Ensino. Centro de Educação. UFSM. Programa de Pós-Graduação em Administração Pública. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7907-6125>  
Email: [estela.giordani@ufsm.br](mailto:estela.giordani@ufsm.br)

<sup>2</sup> Pedagoga. Especialista em Gestão Escolar. Monitora escolar na escola M.E.F. Sérgio Lopes. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-5604-4968> Email: [deiasaidelles@gmail.com](mailto:deiasaidelles@gmail.com)

education school in the field. The collection of data was made up of semi-structured interviews, carried out with ten professors. The data are analyzed through the content analysis technique. The results achieved with this research are about TP work, an educational device that aims to qualify the teacher and student training processes, in addition to developing human values. It is noted from this study that TP considers the facilities and difficulties in the development of school and extra-curricular visits, as well as in the lack of improvements in classrooms and tours. We advise two professors for future teachers who will work with TP projects focused on simple and complex classrooms that bring more life and bring theoretical knowledge closer to practical tasks in the school and university environment.

**Keywords:** Pedagogical Tourism. School training. Extracurricular training. Initial years. Teaching-learning.

## RESUMEN

El turismo pedagógico (TP) teórico y práctico contempla aulas-paseio nos espaços que acolhem escolas e universidades. El principal objetivo de la investigación es reflexionar acerca de las posibilidades y límites de las prácticas de proyectos de TP que nos inician en el año fundamental del municipio de Santa María - RS. La metodología utilizada es de abordaje cualitativo, en el tipo de estudio de caso y realizado en una escuela municipal de enseñanza fundamental del campo. A coleta de dados foi com entrevistas semiestruturadas, realizada com dez profesores. Os dados foram analisados através da técnica de análise de conteúdo. Os resultados alcançados com esta pesquisa tratam-se do trabalho de TP, um dispositivo educativo que vem para qualificar os procesos formativos docentes y discentes, además de desenvolver valores humanos. Nota-se por meio deste estudo que TP põe em vista facilidades e dificuldades no desenvolvimento de visitas escolares e extraescolares, bem como no aperfeiçoamento de aulas-paseio com as turmas. Los consejos de los profesores para los futuros docentes que van a trabajar con proyectos de TP enfocados en aulas simples y complejas que facilitan la vida y que se acercan a los saberes teóricos con los fazeres prácticos en el ambiente escolar y universitario.

**Palavras-chave:** Turismo Pedagógico. Formación escolar. Formación extraescolar. Años iniciales. Ensino-aprendizagem

## INTRODUÇÃO

Cada vez mais é necessário pensar em uma educação por meio da experiência na vivência cotidiana do currículo escolar. Estas experiências educativas podem enriquecer os temas tratados apenas em sala de aula, além de estimularem os estudantes para saber mais sobre cada assunto debatido entre a turma, para que tenham muitas novidades para contar aos seus amigos e as suas famílias. É uma das formas de experimentar para conhecer melhor a teoria que se aprende e ensina na escola é por meio das práticas de Turismo Pedagógico. Independentemente se é de curta ou longa duração, o TP serve como um instrumento para os educadores e se refere a uma metodologia ativa de ensino e aprendizagem que acontece na e para além da sala de aula, perto ou longe da instituição de educação.

No decorrer desta pesquisa, buscou-se responder à inquietude da investigadora: quais as possibilidades e limites das práticas de Turismo pedagógico expressas por docentes dos anos iniciais do ensino fundamental? Pois, observa-se que um projeto de TP pode propiciar momentos essenciais para aprender e ensinar ao despertar nos aprendentes e ensinantes as memórias das histórias e a curiosidade por diferentes lugares e relações sociais que favoreçam a sustentabilidade da vida.

Dando importância à temática, definiu-se que, com a realização desta pesquisa, se pretende alcançar o seguinte objetivo geral: refletir acerca das possibilidades e limites das práticas de projetos de TP nos anos iniciais do ensino fundamental. Vindo do objetivo geral da pesquisa, estabeleceram-se os seguintes objetivos específicos: 1) Descobrir as facilidades em desenvolver e aperfeiçoar as atividades das práticas de TP de docentes do ensino fundamental; 2) Encontrar as dificuldades de professores do ensino fundamental em desenvolver e aperfeiçoar as atividades das práticas de TP; 3) Identificar, conselhos, sugestões e reflexões que os professores indicam para os futuros docentes sobre os projetos de TP.

Há a necessidade de melhorar o processo de ensinar e aprender de discentes e docentes. E, para isso, acredita-se que o turismo pedagógico pode contribuir com uma maior aproximação de diversos protagonistas das escolas: alunos, professores, gestores, funcionários e famílias, mas também de diversos públicos: infantil, juvenil, adulto ou idoso. Sair da escola para visitar uma instituição que entretece cultura ou contemplar um espetáculo de teatro, música, dança e cinema, por exemplo, não pode ser compreendido apenas como uma atividade de lazer que traz prazer em aprender. A participação ativa das crianças está relacionada a descobertas interessantes sobre o universo da arte, à memória da história da nossa região ou do nosso País, aos conhecimentos científicos ou ainda à conservação do meio ambiente que podem ser trabalhados pelos professores no retorno dessas viagens culturais.

Esta pesquisa pode ser útil para atrair educadores rumo a inovação de projetos de trabalho escolares e extraescolares. Entendemos que é possível aprender e ensinar de verdade por meio da observação da realidade, da liberdade de expressão através de registro escrito ou não, relacionado com o que se conheceu fora da sala de aula e com o que se experimentou dentro dela. Desse modo, quem trabalha na escola ou estuda na universidade e busca melhorar o caminho de muitas vidas de docentes e discentes precisa investir seu tempo nesse estudo tão rico para o bem do povo acadêmico e escolar.

Logo depois, manifesta-se o caminho da fundamentação teórica e conta-se o caminho metodológico das práticas de turismo pedagógico. Em seguida, apresentam-se os dados e a discussão de cada objetivo da pesquisa. Por fim, exhibe-se a conclusão.

## FUNDAMENTAÇÃO

### **Embarque na viagem rumo a história das práticas de Turismo Pedagógico**

O turismo pedagógico é considerado um fenômeno educativo que facilita o processo de ensino-aprendizagem e é proporcionado pela experiência vivenciada em ambientes naturais, sociais, históricos e culturais. E antigamente, já existia essa tendência de recurso didático. Segundo Oliveira (2017, p. 12), “O turismo possui profunda relação com a educação [...] concepção não se fundamenta no contexto das práticas sociais da atualidade, pois, já no século XVI, na Europa, ocorreram deslocamentos com fins educacionais que se tornaram históricos, como o Grand Tour”.

Conforme informa Bonfim (2010), a partir do século XVIII, foram realizadas viagens particulares feitas pelos nobres europeus que possuíam cunho educativo, chamadas de Grand Tour. Por serem viagens com objetivos educacionais, pode-se afirmar que o Grand Tour foi a primeira forma de TP. De acordo com este autor (2010, p. 121), “As principais evidências da realização de viagem de cunho educacional datam do século XVIII, praticadas inicialmente por jovens aristocratas ingleses nos principais centros culturais da Europa, com o objetivo de aperfeiçoar seus estudos para [...] uma carreira profissional.”

O turismo com o foco na educação teve origem na Grécia no período da antiguidade clássica, em que gregos e romanos, viajavam a diversos países a fim de conhecer e experimentar diferentes culturas. E o interesse por outras culturas era considerado uma forma de educação. Como afirma o professor Andrade (2004, p.9): “O grande tour, [...] “viagens de estudo”, assumia o valor de um diploma que lhes conferia significativo status social, embora na realidade a programação se fundamentasse em grandes passeios de excelente qualidade e repletos de atrativos prazerosos”. Segundo este mesmo autor, esses passeios “denominavam de turísticos, nomenclatura adotada para expressar a realização de viagens através de regiões e de países diversos, ou mesmo para significar a realização de volta ao mundo conhecido ou possível à sociedade mais evoluída da época”.

Considera-se, dessa forma, que ao aliar as viagens culturais ao processo educativo, o *Grande Tour*, seja o antecessor do que hoje se denomina Turismo pedagógico. Entendia-se que quanto mais viajado fosse o indivíduo, mais cultura adquirida havia na bagagem dele, e este princípio é consolidado até os dias atuais. Segundo o professor Andrade (2004, p. 9), os ingleses consideravam detentores de cultura apenas quem tivesse sua educação ou formação profissional, coroadas por um grande tour através da Europa. O viajante ou o *grand tourist* era sempre um jovem de família rica, que dispunha de recursos e tempo livre para a prática social de viajar por prazer e por amor ao aprender e a cultura. Com o tempo, a prática do turismo de cunho educativo se espalhou por vários lugares do mundo, sendo utilizado por escolas e universidades públicas ou privadas.

Na atualidade, tem-se o Turismo Pedagógico, uma vez que este se apresenta nas instituições de ensino em suas atividades pedagógicas que envolvem passeios e viagens de estudos com os alunos mediante o acompanhamento de professores, gestores ou até mesmo das famílias. Realiza-se planejamento de aulas e visitas a pontos turísticos para o desenvolvimento educacional dos estudantes. De acordo com Bonfim (2010, p.123): “O turismo pedagógico [...] apesar de ser relativamente novo no Brasil, vem crescendo e ganhando espaço na academia. [...] envolve atividades relacionadas à educação, ao aprendizado e ao conhecimento [...] uma visão crítica e reflexiva da realidade.” Acredita-se que é possível tornar-se mais humano à medida que nos tornamos pesquisadores imaginativos e criativos a respeito da realidade, interagindo com os saberes teóricos e saberes práticos vivenciados por nós mesmos, com diversos públicos e com o mundo. E o TP, geralmente, é uma prática prazerosa que desperta curiosidade nos alunos, pois apreciam a possibilidade de participar de uma aula-passeio perto ou longe da escola, pela comunidade, na ou fora da cidade.

As práticas de TP também recebem outras denominações, como, por exemplo, aula-passeio. Para Moraes (2016, p.108), “[...] as excursões (estas podem ser compreendidas também como as aulas-passeio, de Freinet) de maneira a atender ao currículo escolar de cada instituição junto ao corpo docente [...] caráter interativo e interdisciplinar.” Assim, como Paulo Freire, o educador francês Célestin Freinet considera o aluno o centro do processo de ensino e aprendizagem. Para ele, a educação não é uma fórmula de escola, mas sim uma obra de vida. De acordo com o pedagogo Célestin Freinet (1973):

A aula-passeio constituía para mim uma tábua de salvação. Em vez de me postar, sonolento, diante de um quadro de leitura, no começo da aula da tarde, partia com as crianças, pelos campos que circundavam a aldeia. Ao atravessarmos as ruas, parávamos para admirar o ferreiro, o marceneiro ou o tecelão, cujos gestos metódicos e seguros nos inspiravam o desejo de os imitar. Observávamos o campo nas diversas estações: no Inverno, víamos os grandes lençóis estendidos sob as oliveiras para receber as azeitonas varejadas; na Primavera, as flores de laranjeira em todo o seu encanto, as quais pareciam oferecer-se às nossas mãos; já não examinávamos, como professor e alunos, em torno de nós, a flor ou o inseto, a pedra ou o regato. Sentíamos-os com todo o nosso ser, não só objetivamente, mas com toda a nossa sensibilidade natural. E trazíamos as nossas riquezas: fósseis, nozes, avelãs, argila ou uma ave morta. (FREINET, 1973, p. 23).

Freinet criou as aulas-passeio para possibilitar aos alunos sair dos muros das escolas e entrar em contato com a natureza, com a sociedade, com a história e a cultura. Para este renomado professor francês, não se deve separar a escola da vida, pois as crianças entram em contato com a realidade na interação que estabelece com seus professores, colegas, famílias, funcionários, equipe gestora, amigos, vizinhos, enfim, pessoas que se conhece ou não. Dessa forma, elas não se encontram com tantas dificuldades de ensino e aprendizagem.

## **METODOLOGIA**

Neste assunto, exibem-se os fundamentos metodológicos, bem como o caminho de pesquisa. Considerando os objetivos e a problemática de pesquisa, como rumo metodológico, elaborou-se uma pesquisa de campo na Escola Municipal do Ensino Fundamental José Paim de Oliveira, situada na localidade de Alto das Palmeiras, no distrito de São Valentim do município de Santa Maria - RS. Abraçou-se o método de pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso, a fim de refletir a respeito das possibilidades e limites das práticas de projetos de TP nos anos iniciais do ensino fundamental.

Neste trabalho, os sujeitos participantes da pesquisa foram professores da escola do campo citada anteriormente. Eles são representados por números naturais de 1 a 10:

- Professor 1 - (P1): 59 anos de idade e 33 anos de experiência nos anos iniciais (AI). Tem magistério, graduação em pedagogia, pós-graduação em coordenação pedagógica.
- Professor 2 - (P2): 69 anos de idade, tem magistério, formação em ciências físicas e biológicas e especialização na área da Educação para ciência na UFSM.

- Professor 3 - (P3): 64 anos de idade e 18 anos de experiência nos iniciais. Tem magistério, especialização em português puro na Unifra, especialização em gestão escolar, em psicopedagogia e supervisão escolar.
- Professor 4 - (P4): 60 anos de idade e 32 anos de experiência nos AI. Tem Licenciatura plena em Educação física com especialização em treinamento Físico Desportivo. Coursou psicomotricidade.
- Professor 5 - (P5): 52 anos de idade e 16 anos de experiência nos AI. Possui formação em técnico agrícola, curso superior em pedagogia e educação infantil noturno, pós-graduação em educação infantil e pós-graduação de gestão escolar.
- Professor 6 - (P6): 54 anos de idade e 4 anos de experiências com o 1º ano dos AI. Possui formação em Pedagogia, Educação Infantil e pós-graduação em informática.
- Professor 7 - (P7): 43 anos de idade e 20 anos de experiência nos AI. Possui magistério, graduação em matemática, especialização em ensino de matemática, mestrado em ensino de matemática e especialização em gestão escolar.
- Professor 8 - (P8): 56 anos de idade e 31 anos de experiência nos AI. Pedagoga e mestre em ensino, humanidades e linguagens pela UFN (Universidade Franciscana).
- Professor 9 - (P9): 59 anos de idade e 35 anos de experiência nos anos iniciais. Possui formação em Pedagogia (anos iniciais e educação infantil) e curso de pós-graduação em educação religiosa.
- Professor 10 - (P10): 60 anos de idade e 10 anos de experiência nos anos iniciais. Tem formação em estudos sociais e trabalha na área de história e geografia.

Na direção da construção dos dados da pesquisa, foram planejadas entrevistas semiestruturadas, com os professores da escola do campo. Foi escolhido este instrumento de coleta de dados para a pesquisa, nesse tipo de entrevista há flexibilidade, sendo considerada uma conversa mais espontânea entre o entrevistado e o entrevistador sobre um tema. Em consideração a isso, pelo motivo de captar de forma clara a fala sobre determinado tema, a entrevista quando analisada precisa compreender o contexto de sua produção temática, além de ser reforçada por informações decorrentes de observação participante. De acordo com Minayo (2009, p. 70), “A observação participante pode ser considerada parte essencial do trabalho de campo na pesquisa qualitativa. [...] não apenas uma estratégia no conjunto da investigação das técnicas de



pesquisa, mas um método que, em si mesmo, permite a compreensão da realidade.” As entrevistas foram realizadas diretamente na escola ou via chamadas telefônicas. Utilizou-se um roteiro de perguntas para encontrar respostas e produzir dados com os professores da escola do campo. Cada entrevista durou em torno de 30 minutos à 1h e aumentou conforme persistiu a curiosidade da entrevistadora com os entrevistados durante o trabalho. Ao final das entrevistas, os registros orais ficaram gravados através de áudio e depois foram transcritos para construção deste estudo.

Logo após a construção dos dados coletados por meio das entrevistas, foi feita a análise de conteúdo como forma de análise de dados. Bardin (2011, p.101), destaca três etapas no processo de análise de conteúdo: pré análise, exploração do material e tratamento dos resultados (inferência e interpretação).

## DISCUSSÃO

### **Facilidades em desenvolver, aperfeiçoar as práticas de TP com as turmas**

No contexto da pesquisa encontraram-se a partir das entrevistas as facilidades que os professores identificam para aperfeiçoar suas práticas pedagógicas a partir das aulas-passeio. Logo, expõe-se e analisam-se alguns elementos que vieram à tona nas entrevistas. Nesta seção encontram-se duas temáticas sobre as facilidades das aulas-passeio que foram muito destacadas pelos professores: a) a motivação da comunidade escolar em projetos de turismo pedagógico e b) aprendizagem significativa por meio das aulas-passeio.

A primeira temática foi sobre a motivação da comunidade escolar em projetos de turismo pedagógico, P1 relata que “A aula-passeio, a pesquisa de campo, [...] é a mais fácil de conquistar os alunos. [...] por tá saindo da sala de aula, daquele ambiente fechado e levando as crianças pra fora da escola e isso aí já é mais que aprovado por eles”.

O P4 afirma que só pelo fato de sair da escola, já existia felicidade, novidade, descoberta, conhecimento e curiosidade.

Saindo já da escola, já era uma felicidade. Todo caminho era uma novidade, a gente nunca sabia o que a gente ia encontrar...podia encontrar animais e plantas diferentes [...] pessoas diferentes da comunidade e tudo era uma descoberta. Quando a gente saía da escola, a gente tinha uma perspectiva e

quando voltava tinha outra, porque a gente sempre aumentava mais o conhecimento, a curiosidade (Entrevista P4).

O P4 ainda alega que a motivação dos alunos facilita este trabalho: “Como a gente explicava [...] como ia acontecer a aula-passeio [...] existia uma certa motivação daquele aluno dentro da sala de aula.” E justifica o porquê: “o dia que a gente fazia toda essa explanação de que a gente iria para algum lugar e tal e chovesse [...] era uma tristeza, [...] teria que [...] inventar outra atividade com jogos e brincadeiras.” E complementa: “Quando a gente dizia que a gente ia fazer uma aula-passeio [...] já era uma novidade [...], a gente via pela empolgação deles, [...] sair de um ambiente muito maçante para eles.” A P3 alega que o que facilita realizar este trabalho é que “Sempre há alunos destaques que realizam com sucesso, tudo que é proposto, se entusiasmam, propõem como fazer, anotar. [...] as crianças sempre eram muito incentivadas por vários professores, elas vão em frente.”

A P9 informa que “na escola rural, a maioria dos nossos alunos são moradores daquela localidade rural e eu moro na zona rural [...] o turismo acontece neste distrito [...] isso dá melhores condições de pensar, de organizar, de planejar e de fazer acontecer.” A P9 ainda cita outra facilidade em que “A escola [...] apoia esse tipo de trabalho, então a gente tem o apoio da supervisão, da gestão, das funcionárias, dos monitores, das famílias.” E integra ao seu depoimento que “tem um pensamento direcionado para [...] trabalhar a realidade da criança e proporcionar a felicidade, o conhecimento [...] A família vê que não fica sendo uma atividade perdida ali, e a gente transmite confiança para elas.” Afinal, de acordo com ela, “a família tem que confiar na gente.” A P 10 comenta que “a facilidade era a aceitação do aluno na proposta de trabalho, [...] a vontade deles, o que eles têm já de conhecimento sobre o assunto [...] ele já sabe um pouco e vai complementar muito o que já sabe.” E complementa: “Naquele tempo eles nem tinham celular e computador, hoje em dia tem facilidade para sair com os alunos, eles filmam, eles gravam no celular deles.”

É notória a motivação da comunidade escolar em projetos de TP. O processo formativo restrito à sala de aula precisa ser mandado embora. E o TP facilita a formação dos diversos protagonistas da escola. Segundo Moraes (2016, p. 100), “Os alunos dificilmente se recusariam a participar de uma viagem ou passeio e professores facilmente encontrariam objetivos pedagógicos nessas atividades, pois há espaço para entretenimento e conhecimento.” Para isso, é preciso a confiança e, na maioria das vezes, a autorização das famílias. Possivelmente se há aprendizagem significativa por



meio das aulas-passeio, há confiança dos familiares, dos alunos e da escola diante deste trabalho.

A segunda temática foi aprendizagem significativa por meio das aulas-passeio. A P7 acredita que este trabalho facilita, porque proporciona a vivência longe ou perto da escola de materiais concretos e abstratos durante o caminho: “a criança vai aprender [...] se não for só na parte da teoria, mas também da prática, na vivência. [...] nem precisa ir muito longe da escola [...] ela vivencia algo de forma concreta para ir para a abstração depois.” E complementa: “isso vale no conceito matemático e vale para qualquer outro conceito de qualquer disciplina.” Justifica o porquê “por mais que tu passe naquela estrada todo dia, mas se tu vai com a professora e ela chama atenção para um tipo de experiência ali, tu vai olhar com outros olhos.” E finaliza sua fala: “então, tu vai vivenciar aquele caminho. [...] vai fazer com que a aprendizagem se torne algo com significado [...] vai aprender de verdade.”

A P2 comenta que “Numa escola da zona rural, tu tens o campo. [...] uma estrada [...] Era mais fácil para aprender em meio a natureza. A gente falava sobre alimentação saudável, [...] tinha árvores frutíferas”. E conclui sua fala: “é diferente de você trabalhar na cidade onde, às vezes, não tem esse recurso. E aqui na zona rural está a mão.” A P6 afirma que com estas práticas de turismo pedagógico, torna-se muito fácil conquistar as crianças, pois “Marca as crianças [...] faz com que elas aprendam com mais facilidade de forma lúdica, vivenciando a realidade, [...] o momento [...] aprende e muitas vezes nem se dá por conta que tá aprendendo né? Dificilmente esquecem e facilmente lembram”.

O P5 relata que este trabalho torna fácil a aprendizagem, pois “O aluno vai aprender muito mais, visualizando, se conectando com o espaço, experimentando, tocando, escutando os sons do ambiente [...] vai fazer sentido [...] não tá só olhando para o quadro e só ouvindo a gente [...] ou vendo um livro.” O P4 apresenta em sua fala que “tudo é assunto [...] conteúdo [...] aprendizagem [...] conhecimento, desde que tu faça essa relação de conteúdo aprendido em sala de aula com a realidade [...] A gente não pode viver num lugar extremamente fechado, numa bolha, numa ilha.” A P8 afirma que este trabalho interdisciplinar “É potente esse projeto de turismo pedagógico, porque ele consegue vivenciar in loco [...] ao vivo e a cores, aquilo que ele vê só nos livros didáticos e isso enriquece o currículo dele.” Alega que “é um fazer prático que eles têm [...] vai tornar o ensino mais dinâmico, [...] aquilo que a gente vivencia, a gente absorve melhor no nosso cérebro, muito mais do que tá ali dentro das quatro paredes.” E conclui: “tu

tem uma riqueza lá fora que tu pode explorar com as crianças. Fora a convivência com os outros, num espaço diferenciado.”

Cada prática de TP é uma forma de quebrar barreiras das escolas que, muitas vezes são de vidro. A concepção de educação enfatizada pelo Relatório Internacional da Educação para o século XXI da UNESCO, coordenado por Jacques Delors et al. (1998, p. 89) e intitulado “Educação, um tesouro a descobrir”, afirma que a educação deve ser organizada com base em quatro princípios pedagógicos. Segundo Barreto (2006):

O Relatório afirma que os três primeiros objetivos ou pilares da educação assentam-se sobre o quarto, ou seja, o aprender a conhecer, o aprender a fazer e o aprender a viver juntos só fazem sentidos se estiverem assentados no aprender a ser, pois é o ser que integra, em si, as diversas dimensões da vida. (BARRETO, 2006, p. 16).

É um trabalho que motiva não só professores e alunos, mas diversos protagonistas da escola, além de favorecer uma aprendizagem significativa que dê sentido às vivências escolares e comunitárias ligadas às diversas áreas do conhecimento.

### **Dificuldades em desenvolver, aperfeiçoar as práticas de TP com as turmas**

Ao longo da pesquisa foram encontradas a partir das entrevistas as dificuldades que os professores identificam para aperfeiçoar suas práticas pedagógicas a partir das aulas-passeio. Sem demora, expõe-se e analisam-se alguns elementos que apareceram nas entrevistas. Nesta seção encontram-se três temáticas sobre as dificuldades das aulas-passeio que foram muito destacadas pelos professores: a) dependência de recursos materiais, b) dependência de recursos imateriais, c) equilíbrio de expectativas longe e perto da escola.

A primeira temática foi “dependência de recursos materiais”. Para a P 7 “a questão do transporte [...] e a questão financeira das famílias também dificulta um pouco para realizar a viagem ou o passeio.” Segundo ela, “tem turmas que é mais difícil de tu sair [...] por questões das crianças [...] e isso, muitas vezes, dificulta a tua saída pedagógica.” Outra dificuldade seria em relação ao planejamento estratégico: “Às vezes, tu planeja uma aula super diferenciada cheia de diversão e tu não consegue desenvolver essa aula, [...] às vezes, tu faz um planejamento e tu não consegue executar aquilo como tu tinha planejado.” E como ela disse “aí tu tem que fazer uma outra estratégia.” A P3 enfatiza que “Muitas vezes, era o transporte da prefeitura [...] ou era o



transporte escolar [...] mas aí teria que ser só dentro do distrito de São Valentim. Se não fosse assim, se dependesse de pagamento, já era mais complicado”. E A P 8 destaca que “As dificuldades sempre giram em torno do ir e vir [...] a gente sempre teve a oportunidade de ter pela secretaria de educação o transporte escolar. Esse ônibus do turismo rural pedagógico era um ônibus da SMED que fazia todos esses roteiros rurais.” E complementa: “Fora esse ônibus, sempre quando a gente tem alguma visitação, a gente solicita com antecedência e conseguimos. Então, a SMED é sempre muito parceira das escolas do município.” A P6 esclarece que “muitos não teriam como pagar [...] um transporte fora do dia a dia da escola, tinha que pedir para secretaria de educação, às vezes, para ver se pode ou não.” A P9 afirma que “se a gente tem o transporte pago pela prefeitura, [...] às vezes o transporte tá agendado, daí chove, a estrada tá ruim, não se pode sair com as crianças.” Esclarece que “se [...] a gente perder aquele agendamento, [...] temos que entrar numa fila de agendamento de novo. [...] perde o lanche que estava previamente preparado e isso complica sim.” A P10 informa que “a escola tem o transporte, mas ele é limitado para aquela quilometragem ali de ida e vinda [...] muitas vezes, não tinha como [...] conseguir um ônibus extra para ir em determinados lugares.”

O P5 comunica que “A dificuldade seria financeira, nem sempre tem a disponibilidade [...] no momento que a gente quer [...] passeio ou viagem [...] até ela se concretizar tem um caminho que às vezes é fácil e às vezes não.” A P2 afirma que “Quando era distante, a dificuldade era o recurso financeiro [...] uma situação que precisa ser organizada pelos professores e pela gestão escolar.” A P10 explica que “Muitas viagens e passeios, a gente deixou de fazer por motivos financeiros. Uma vez fomos convidados pela UNESCO para ir a Portugal apresentar o nosso projeto de teatro e nós não fomos, porque faltou verba.” O P4 destaca que “Era difícil [...] em termos de infraestrutura para educação para acontecer os passeios. A partir do que a gente trabalhava em sala de aula, das normas de convivência, dificilmente acontecia um problema maior do normal.” Ele conclui: “sobre controle, vai do planejamento e da organização do professor, o momento que tu planejar, explicar quais são os objetivos do passeio em si, isso reflete diretamente na disciplina e no comportamento dos alunos”.

Diante do que foi citado anteriormente, percebe-se que nas práticas de TP há dependência de recursos materiais, isto é, de bens móveis necessários para que aconteça este trabalho. Porém, muitas vezes, é dificultoso o acesso a eles. Segundo Moraes (2016):

É possível que a criança desenvolva a capacidade de fazer bom uso da liberdade e da autonomia, através da prática de passeios e viagens [...] sem a presença dos pais. Além disso, ela pode também divulgar a sua cultura e aprender também sobre a cultura do outro. (MORAES, 2016, p. 115).

Com ou sem a presença da família, que é um dos maiores patrimônios culturais das crianças, realiza-se prática de aulas-passeio. Entretanto, dependendo do lugar a ser visitado pela escola, se não tem uma boa demanda de recurso financeiro, por exemplo, não é possível a realização deste trabalho. Além do mais, há a dependência de recursos imateriais, de bens imóveis, de levar a informação, por exemplo, e manter os participantes “turistas pedagógicos” bem informados a respeito do planejamento, da execução e da avaliação das práticas de TP.

A segunda temática foi sobre a dependência de recursos imateriais. O controle de si e da turma também dificulta e a P7 justifica o porquê “Aqueles que não se comportam bem nas aulas, não se comportam bem nas viagens ou nos passeios [...] às vezes eles ficam mais agitados fora do que dentro da sala de aula.” E complementa: “A gente precisa se controlar, a gente é o adulto ali, a gente respira, dialoga, e segue o fluxo.” Ao contrário da P7, o P5 comenta que ao explorar outros espaços fora da escola, melhora o comportamento dos alunos: “quando os alunos saem, parece que melhora o comportamento deles, quase não dá BO. [...] Porque é uma combinação antes de sair e já é um aviso prévio, vamos sair para nova saída pedagógica, vai depender de como vai ser hoje”. E complementa: “Então, já é uma estratégia usada para eles se comportarem bem lá.” A P8 justifica o porquê não vê dificuldade em relação ao comportamento dos alunos: “Quando a gente pensa numa saída de campo, num turismo rural, numa visitação [...] é tudo organizado por todos professores [...] os alunos já são orientados [...] têm uma intencionalidade pedagógica ao sair daqui, um planejamento.”

O P9 e o P4 citam como dificuldade a falta de conhecimento de algumas famílias sobre a importância destes projetos de trabalho. O P9 diz que: “Já ouvi dizer por famílias de alunos: “Aaah, meu Deus [...] já vão passear de novo” [...] tem pais que não deixam os alunos saírem, tem medo, porque são crianças e acham que passeio é bobagem.” E complementa: “Mas a gente tem trabalhado bastante sobre isso e eu acho que tá até havendo mudança no pensamento da criança, da família e dos colegas professores, também.” O P4 diz que “às vezes a gente era mal visto, mas por trás de cada aula sempre tinha conhecimento, existia um planejamento.” A P2 relata a seguinte dificuldade: “fazer com que todos fossem viajar ou passear, porque nem todos os pais autorizavam



os filhos a ir. A gente conversava com eles, procurava incentivar muitos pais a nos acompanharem durante os passeios” E complementa: “Às vezes [...] já tinha passado o período de agendar e [...] fechou o ano. Então, tem que ter um planejamento bem anterior [...] tempo, dinheiro e disciplina.” A P9 acrescenta a sua fala que “Às vezes, faltam monitores [...] tem que tá sempre com uma carta na manga para aproveitar aquele dia em outra situação.” A P3 cita a seguinte dificuldade: “As famílias não participavam quando tinha viagem [...] só ficavam informadas em função de bilhete.” A P6 comenta que esta dificuldade girava em torno de “crianças que deixavam de ir [...] não podiam levar lanche ou dinheiro”.

A P3 cita que “Há dificuldade com relação a crianças que veem o passeio só como sair da sala e passear [...] Muitas vezes, havia problemas com os mesmos alunos [...] que não levavam nada a sério. Aí não tinha mudança de vocabulário.” Insere ao seu diálogo que “ao mesmo tempo era bom porque eles aprendiam a se integrar mais, evoluindo aos pouquinhos e iam se desenvolvendo como pessoa. Sempre tem um lado positivo, mesmo que tenham aquelas crianças que não sabem aproveitar bem os passeios.” A P1 comenta que “o Interesse era a maior pontuação da avaliação, porque é uma das maneiras de manter o aluno atento [...]. Muita novidade é muita informação, então, a dificuldade é manter a atenção das crianças.” A P2 ainda relata que um dos cuidados que se deve ter durante as práticas de turismo pedagógico está relacionado a tudo que envolve o campo, os perigos ligados à fauna e a flora, isto é, situações difíceis de lidar com a turma: “Me lembro de uma ocasião que a gente encontrou uma cobra. [...] perto dali tinha um Gavião, os dois estavam mortos.” E conclui a sua fala: “ficou na memória e eles ficaram apavorados com aquela situação [...] é muito bom sair a Campo [...] tomar cuidado porque é muito perigoso”.

O P5 também informa que quando se faz aulas-passeio durante uma manhã ou apenas uma tarde “O nosso problema é a distância para qualquer lugar que nós vamos, não [...] perto da escola, mas por exemplo, a universidade”. Ele complementa: “lá poderia passear por toda a universidade [...] teria que ser o dia todo [...] para eles verem outros espaços.” A P10 evoca que uma das dificuldades é sair sem levar em conta que “a educação socioemocional é tanto para o professor quanto para o aluno, porque tu têm que sair preparado emocionalmente, [...] tudo pode acontecer e tu sabe que tu vai enfrentar situações bem diferentes da sala de aula né, boas ou ruins.” Relata que “É importante não sair sozinho com o grupo [...] tu tem que tá com uma farmácia, tem que saber o que o aluno pode ou não, aí vem a questão do bilhete.” Segundo ela, dificulta



ainda sair sem “perceber as necessidades das crianças [...] o número do telefone do pai ou da mãe [...] porque numa emergência [...] qualquer dúvida tu liga para casa.”

Nota-se que a maior dificuldade das práticas de TP é a financeira, principalmente, em relação a aulas-passeio longe da escola e de longa duração. No entanto, é possível inserir o turismo como atividade pedagógica no currículo escolar sem depender de recursos financeiros escolares, da comunidade ou da secretaria de educação. Pois, há a possibilidade de vivenciar uma aula-passeio junto ao campo, a natureza. Segundo Moraes (2016, p. 100), “A promoção de viagens e passeios pelas escolas não é muita novidade. O que se tem de novo é o fato de um grande número de agências de turismo ofertarem propostas de turismo pedagógico, muitas delas no espaço virtual.” As práticas de turismo pedagógico que envolvem ônibus de agências de viagens são bem complexas e raramente são abraçadas pela escola JPO. De mais a mais, independente do tipo de prática de TP, é fundamental haver equilíbrio de expectativas longe e perto da escola no decorrer destes projetos de trabalho.

Por fim, o último tema foi o equilíbrio de expectativas longe e perto da escola. P9 fala: “com os anos iniciais eu procuro fazer algo mais próximo do que eles estão estudando e próximo de onde eles moram, da vivência deles, da realidade da turma. Eu tenho receio de criar neles uma expectativa só longe de casa.” E finaliza ao comentar que” tem que criar expectativas com os pezinhos no próprio chão deles pra voar, aos pouquinhos vão sonhando voar mais longe. Eles são capazes de serem felizes onde moram, de ampliar o conhecimento deles na própria comunidade.”

Para não dificultar o trabalho, precisa haver também um elo entre a teoria e a prática dos saberes e fazeres, nos vários contextos educacionais. Conforme o renomado educador Andrade:

Atualmente os currículos predominantes vertem para uma formação pedagógica ampla e integrada que perpassa por diversos saberes e campos científicos: Artes, Cultura, Cidadania, Ecologia, Esportes, Ética, Geografia, História, Lazer, Literatura, Matemática, Português, Religiosidade e Saúde. Mas apesar desta perspectiva inovadora, os sujeitos recebem grande quantidade de informações técnicas/teóricas sobre os demais conteúdos, fator que prejudica a construção de uma leitura de mundo mais crítica e consciente. (ANDRADE, 2022, s/p).

Percebe-se que muita informação teórica e pouca vivência e experiência prática dos conteúdos curriculares das escolas, não geram conhecimento verdadeiro nos

estudantes. Por isso, segundo Andrade (2022, s/p), o TP veio para tornar-se a “sala de aula da contemporaneidade”.

### **Conselhos dos professores para os futuros docentes que farão projetos de TP**

No ramo da pesquisa foram considerados a partir das entrevistas os conselhos dos professores para os futuros docentes que farão projetos de TP. Após, apresenta-se e analisam-se alguns depoimentos que estiveram presentes nas entrevistas. Nesta seção encontram-se cinco temáticas sobre os conselhos dos professores para os futuros docentes que irão realizar práticas de TP: a) o despertar da curiosidade com ludicidade nas aulas, b) a complexidade das aulas-passeio com intencionalidade no planejamento, na execução e na avaliação, c) a afetividade e o respeito à liberdade fora da monotonia da sala de aula, d) o autoconhecimento a partir de diferentes materiais didáticos.

A primeira temática foi o despertar da curiosidade com ludicidade nas aulas. A P1 diz que “façam aulas-passeio ou viagens escolares, porque é a melhor maneira de conquistar o aluno e fazer ele se interessar pelo conteúdo da disciplina e despertar a curiosidade das crianças.” A P6 evoca que “Que aproveitem o máximo, quando podem ir, vão [...] estimula a afinidade das crianças e a curiosidade de maneira lúdica, fora da sala de aula [...] contato com a natureza.” A P5 comunica que “Isso desperta a curiosidade, o desejo de ser e ter das crianças e de sentir também, os cinco sentidos (risos) [...] eles veem tudo aquilo que a gente conheceu nos livros”. A P3 cita que “complementar a parte teórica que tu tem nas aulas com toda a prática maravilhosa que tem por fora que tu pode aproveitar experimentando e conhecendo, é de grande importância para toda vida.”

Aprecia-se, assim, a notabilidade do despertar da curiosidade com ludicidade nas aulas. Observa-se que muito se discutiu pelos professores sobre os projetos de TP que são realizados de forma lúdica e despertam o desejo de conhecer e experimentar dos alunos. Segundo Pacheco (2015, p. 171) inspirado na Escola da Ponte, “os projetos são uma forma dos alunos darem resposta aos seus problemas/dúvidas”. Evidencia-se a importância de trabalhar com projetos que enfocam a interdisciplinaridade sem a monotonia da sala de aula, pois é uma maneira de aproximar as vivências escolares das vivências comunitárias. Mas também, nos faz pensar nos problemas decorrentes na sociedade, às realidades de vida e às questões culturais do grupo de trabalho. Isto



ênfatisa a complexidade das aulas-passeio com intencionalidade no planejamento, na execução e na avaliação.

A segunda temática foi a complexidade das aulas-passeio com intencionalidade no planejamento, na execução e na avaliação. O P4 comunica que “tu põe normas para as atividades acontecerem [...] desenvolve [...] cidadania”. Ênfatisa que “tinha projetos de aula-passeio [...] tem que fazer um planejamento em cima disso, e uma avaliação para saber se atingiu os objetivos das aulas.” O P5 ênfatisa que “locais nós temos aos montes aqui em Santa Maria [...] vários espaços educativos além da cidade [...] Só que isso aí, demanda tempo, desgaste do professor.” Salienta que “O professor quer, mas se ele não tem a verba da escola tem que montar um projeto para arrecadar esse dinheiro [...] Quando é perto e de curta duração é mais fácil, agora quando é de longa duração e tu vai pra longe, aí já é mais difícil.” Pois, segundo ele, “tem que arrumar o espaço, autorização do espaço e das famílias, marcar o dia, arrumar o transporte”. Relembra que “Se for uma caminhada [...] é bem tranquilo [...] Mas quando se vai para um dia todo [...] é bem complexa” A P8 comunica que “não é um simples passeio. [...] o aluno passeia com a família. A escola quando vai realizar uma atividade fora do contexto escolar, turismo rural pedagógico [...] tem que ter uma intencionalidade pedagógica, [...] um planejamento [...] um resultado”. Além disso, relata que “quando a gente pensa em estratégias para potencializar a aprendizagem das crianças, a gente já pensa o passo a passo até a avaliação de todo o processo.” Segundo a entrevistada P7, torna-se necessário salientar que “Quando a gente faz [...] uma aula-passeio, a gente tem que ter uma intencionalidade clara [...] passada para as crianças [...] para eles saberem que não tão indo lá no oba oba [...] aí eles repassam para as famílias.”

Assim sendo, as visitas de estudo não são realizadas com a intenção de visitar só por visitar ou ficar no “oba-oba”. Apesar de serem estratégias de aulas que mais incentivam os alunos em vista do caráter motivador que constitui a saída do espaço da sala de aula ou da escola, são visitas realizadas em diversos contextos, com diferentes públicos e objetivos pedagógicos. Segundo Moraes (2016, p. 179):

[...] projetos de Turismo Pedagógico. [...]. Eles podem ser oriundos de instituições públicas ou da iniciativa privada; de contextos rurais ou urbanos; com enfoque na educação patrimonial ou na educação ambiental; para crianças na educação básica ou para universitários e professores [...] um projeto que envolve turismo e educação pode ser implementado em diferentes contextos, para diferentes públicos e com diversos objetivos. É necessário identificar a demanda da localidade e as habilidades que se pretende desenvolver para a implementação de um projeto de Turismo Pedagógico.

Além destes projetos de trabalho focalizam a respeito da educação ambiental, bem como a educação patrimonial, nota-se a importância de se discutir sobre a afetividade que acontece entre os participantes turistas pedagógicos e o respeito à liberdade fora da monotonia da sala de aula.

A terceira temática foi sobre a afetividade e o respeito à liberdade fora da monotonia da sala de aula, a P10 informa que “atividade extraclasse [...] muito positiva [...] momento que tu tem uma aproximação maior com teu aluno, [...] conhece mais ele [...] tem mais respeito”. Isso porque “antes de sair tu cria as regras da convivência, tu planeja [...] diz que vai fazer a avaliação principalmente atitudinal [...] saiu da porta da sala e já começo a avaliar vocês”. E aconselha que “Aproveitem esses momentos para criar um vínculo principalmente afetivo com os alunos [...] eles vão passar a te respeitar mais, porque tu fez uma atividade diferente, tu acreditou neles, tu confiou que tu podia sair com eles para fora da sala de aula”. Relembra que “antes de sair [...] tem que fazer todo um trabalho [...] tu dá liberdade, porque eles estão sabendo o que eles podem e o que eles não podem fazer lá”. E enfatiza que o TP “tira da monotonia da sala de aula e tu acaba motivando mais os alunos [...] eles começam a querer e a pedir aos demais professores para fazer também (risos)”. Para o P4 através destes projetos de trabalho, a criança “vai se expressar com liberdade, se relacionar consigo mesmo e com os outros ao ar livre”.

Sem sombra de dúvida, os projetos interdisciplinares das práticas de TP em diferentes espaços educacionais podem inovar a Pedagogia, como nos conta Hernandez (1998, p. 71). “O ensino por centros de interesse, à pesquisa do meio, as ideias de Freinet e a aproximação das distintas matérias à experiência dos alunos marcavam a tônica de algumas práticas educativas próximas aos Movimentos de Renovação Pedagógica”. Nesse cenário, é importante frisar a relevância do autoconhecimento a partir de diferentes materiais didáticos. Estes podem ser os próprios ambientes naturais.

Por fim, a quarta temática, foi o autoconhecimento a partir de diferentes materiais didáticos. A P9 aconselha que “o turismo pedagógico [...] tem que ser planejado e organizado [...] ter um objetivo para realizar esse tipo de atividade. [...] tem que estar disposta a vivenciar e a experimentar esse momento de aula”. Pois, segundo ela, “auxilia muito no aprendizado, na memorização, na convivência, no conhecer o aluno, a tua percepção com o aluno é outra do que dentro da sala de aula [...] tem muito valor, mas tem que ter disposição por parte do professor.” Diz que “uma criança que



conhece o meio através dessa nossa vivência rural [...] passa a valorizar e se sentir valorizado, favorece o desenvolvimento integral não só da criança, mas também de todo ser humano.” Relembra que “Sempre estudei na zona urbana, eu era encantada de ver um favo de mel num livro, mas eu fui conhecer uma colmeia de abelhas [...] já era professora formada, e hoje as crianças conhecem e vivenciam isso [...] é maravilhoso.” Para o P4, “Com a caminhada-passeio, a criança tem aquela possibilidade de expandir diante do meio, seja rural ou urbano, de saber quem ela é [...] de ter o seu espaço”. A natureza pode ser também nossa escola, pois, os materiais didáticos vão além da sala de aula e das tecnologias educacionais. E como cita a P2:

[...] tem tanto recurso no meio ambiente, não é só na tela do computador [...] celular [...] o meio ambiente é nossa grande escola [...] eles veem a responsabilidade deles com a natureza. Conhecer, saber toda a história daquele lugar, acho que se perdeu muito essas raízes deles [...] não tem mais tanto amor. Poucos são os que continuam dizendo. “Ah, olha eu era lá da zona rural, estudei numa escola de zona rural.” [...] Eu comparo a possibilidade de dar uma aula fora da sala de aula aqui na zona rural, de dar uma aula fora da sala de aula lá na cidade. (Entrevista P2).

Diante disso, é possível recordar do filme “Uma professora muito maluquinha”, inspirado no livro homônimo de 1995, assinado por Ziraldo, no qual, apresenta uma história que se passa na década de 1940, em que os alunos não poderiam estar fora do âmbito da escola. Neste filme, há uma cena em que há na sala da secretaria do velho grupo escolar, um enorme globo terrestre que prendeu a curiosidade dos alunos. E a professora Cate percebendo que eles são curiosos, resolveu sair com as crianças da sala de aula, realizando uma aula-passeio em meio a natureza, juntamente com o professor de Geografia para que eles entendessem, como diz no próprio filme, que “a sala de aula pode ser do tamanho do mundo inteiro”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou compreender “As possibilidades e os limites das práticas de turismo pedagógico nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental” a partir de um estudo de caso na Escola do campo José Paim de Oliveira. Refletiu-se sobre as possibilidades e os limites destes projetos de trabalho nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Definiram-se três objetivos específicos, sendo que a pesquisa de campo foi por meio da

metodologia qualitativa, com entrevistas semiestruturadas com dez professores da escola.

O primeiro objetivo específico buscou elucidar a motivação da comunidade escolar em projetos de TP e a aprendizagem significativa por meio das aulas - passeio. O segundo objetivo enfatiza a dependência de recursos materiais e imateriais e o equilíbrio de expectativas longe e perto da escola. Com o terceiro objetivo levantamos as sugestões, a fim de despertar as curiosidades com ludicidade nas aulas, a complexidade das aulas passeio com intencionalidade no planejamento, na execução e na avaliação, a afetividade e o respeito a liberdade fora da monotonia da sala de aula, bem como o autoconhecimento a partir de diferentes materiais didáticos.

O que limitam as aulas-passeio envolvem as dependências materiais em relação a: ir e vir; ao ônibus da Prefeitura, da secretaria de educação ou do transporte da escola, pois este é limitado para certa quilometragem de ida e vinda; falta de recursos financeiros e de infraestrutura para a educação; às vezes, pouca participação de todas as crianças e das famílias; falta de monitores, tempo chuvoso; estradas ruins; ausência de permissão de algumas famílias por falta de lanche ou dinheiro. Há ainda dependências imateriais como: manter a atenção das crianças; passear acompanhado por outros adultos e com as turmas de crianças, tempo para planejamento anterior e agendamento antes de fechar o ano; situações perigosas envolvendo a fauna e flora; crianças que veem as práticas de turismo pedagógico apenas como momentos para ficar no “oba-oba” sem a visão do estudo; maus comportamentos e inquietude dos alunos vivenciados por alguns professores; falta de conhecimento de algumas famílias sobre a importância destes projetos de trabalho; receio de se responsabilizar pelos alunos; controle da turma e de si; execução a risca do planejamento. Deve-se levar em consideração necessidades diárias dos alunos e a educação socioemocional perante este trabalho que impacta na vida pessoal e profissional dos professores.

Nesse sentido, quanto a finalização deste artigo, o que possibilita, de modo a facilitar este trabalho de TP envolve conquista do interesse das crianças, aparecimento de descobertas naturais ou não, curiosidades, novidades, felicidade desde o momento da saída até a chegada na escola; diferenças do espaço do campo em uma escola da zona rural para uma escola da zona urbana de SM; presença de professores e alunos moradores da zona rural numa escola do campo; vivência do turismo rural pedagógico no próprio distrito onde localiza-se a escola, o que facilita o planejamento, a execução e a avaliação; incentivo e motivação dos professores e dos alunos; confiança e



autorização das famílias, bem como apoio da escola para com o trabalho. As aulas-passeio possibilitam conhecimento pela experiência ao conectar-se com diferentes espaços educacionais, o que deixa uma marca (sinal de dentro para fora); trabalho com recursos audiovisuais; vivência da realidade longe ou perto da escola; materiais concretos e abstratos durante o caminho e a vivência ao vivo e a cores (in loco).

No que corresponde às aprendizagens da autora durante a pesquisa, destaca-se que um dos pressupostos para a escolha do tema é a leitura de mundo, tanto nos espaços escolares, como também nos espaços não escolares. Aprende-se que o “conhecer” na docência é decorrente da necessidade de “experimentar” a realidade da vida contemporânea.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Vagner Luciano de. Turismo Pedagógico: A sala de aula da contemporaneidade. **Ecodebate**, ISSN 2446-9394, 2022. Disponível em: <<https://www.ecodebate.com.br/2022/03/28/turismo-pedagogico-a-sala-de-aula-da-contemporaneidade>>. Acesso em 07/06/2022.

ANDRADE, José Vicente. **Turismo, fundamentos e dimensões**. 8 Ed. São Paulo: Ática, 2004.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto; Augusto Pinheiro, São Paulo: Edições 70, 2011.

BARRETO, Maribel Oliveira. **Teoria e Prática de uma educação integral**. Salvador, Bahia, 322p., 2006. Disponível em: <<https://pdfslide.tips/documents/teoria-e-pratica-de-uma-educacao-integral.html> >. Acesso em:08/01/22.

BONFIM, M. V de S. Por uma Pedagogia diferenciada: uma reflexão acerca do turismo pedagógico como prática educativa. **Turismo Visão e Ação (Eletrônica)**, v. 12, n. 1. p. 114-129, jan/abr, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.univali.br/index.php/rtva/article/view/1127>>. Acesso em: 07/06/2022.

DELORS, Jacques (Org.). **Educação, um tesouro a descobrir**: relatório para a Unesco da comissão internacional sobre educação para o século XXI. São Paulo: Cortez 1998. Disponível em:<[http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a\\_pdf/r\\_unesco\\_educ\\_tesouro\\_descobrir.pdf](http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_unesco_educ_tesouro_descobrir.pdf)>. Acesso em: 10 de agosto/2022.

FLIK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução por Joice Elias Costa. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREINET, Célestin. **As técnicas Freinet da escola moderna**. São Paulo. Editora Martins Fontes, 1973.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. Educação e compromisso. Campinas: **Papirus**, 2 edição, 1986.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** / - 6. ed.- São Paulo : Atlas, 2008.

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

HERNANDEZ, F. **Transgressão e mudança na educação:** os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MANZINI, E.J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Orgs.) **Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial, Londrina:** Eduel, 2003. p, 11-25. Disponível em:  
<[https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Consideracoes\\_sobre\\_a\\_elaboracao\\_do\\_roteiro.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Consideracoes_sobre_a_elaboracao_do_roteiro.pdf)>. Acesso em 22 de agosto/2022.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES; S. F. **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. Editora Vozes, Petrópolis, 2009.

MORAES, Camila Maria dos Santos. Turismo Pedagógico. V. único. Rio de Janeiro: **Cederj**, 2016.

OLIVEIRA, J. G. **Turismo pedagógico:** uma análise comparativa entre as instituições de ensino públicas e privadas do município de Currais Novos/RN. Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN, campus Currais Novos, 2017. Disponível em:<<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/43561>>. Acesso em: 06/de julho/2022.

PACHECO, José; PACHECO, Maria de Fátima. **Uma escola pública em debate.** Escola da Ponte. São Paulo. Editora Cortez, 2015.

PINTO, André, RODRIGUES, Cesar. **Uma Professora Muito Maluquinha.** Brasil, 2011. Disponível em:<<https://youtu.be/ShpRaZW4Sgg>>. Acesso em: 02 de agosto de 2022.

YIN. R. K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 3. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

*Submetido em:* 28/04/2024

*Aceito em:* 28/05/2024

